

Lully e Charpentier

O barroco francês caracteriza-se pela sua majestade. Versailles é o eixo em torno do qual gira toda a música francesa da época e a corte de Luís XIV o paradigma da música como divertimento. Dois músicos se destacam dos demais, Lully e Charpentier.



Jean Baptiste Lully

De origem italiana, mas naturalizado francês, Jean Baptiste Lully (1632-1687) foi o compositor que estabeleceu a estrutura e os símbolos da ópera em França.

CORTÊS E ASTUTO

Para compreendermos a importância de Lully na história da música barroca francesa, temos de olhar mais de perto para a sua personalidade. Oriundo de uma humilde família florentina, os seus talentos atraíram a atenção do cavaleiro Roger de Lorraine, que o levou consigo para Paris para ajudar a sobrinha, Madame de Montpensier, a praticar italiano. Já introduzido nos círculos aristocráticos, aprendeu a tocar violino e revelou-se um notável bailarino. Em 1652, entrou ao serviço do rei Luís XIV e, no ano seguinte, dançou com ele no Ballet de la Nuit,

tornando-se assim um dos músicos preferidos da corte.

Perfeito cortesão e muito hábil nos negócios, rapidamente prosperou na corte: maestro de uma nova orquestra, primeiro compositor da corte, compositor de câmara e superintendente de música do próprio rei.

O BALLET-COMÉDIA

A partir de 1664, Lully começou a colaborar regularmente com o grande dramaturgo cómico Molière e juntos criaram uma série de ballets-comédias, um novo género que combinava a ação teatral com o ballet cortês. Após a estreia de *Le bourgeois gentilhomme*, em 1670, a parceria entre músico e dramaturgo foi quebrada e Lully concentrou-se no género que lhe traria a sua maior fama como compositor: a ópera, categoria em que brilharia como um dos mais brilhantes compositores do período barroco.

LULLY E A ÓPERA FRANCESA

Enquanto no resto dos países europeus a ópera seguia a estética italiana, em França houve um compositor, Lully, que criou um estilo com uma estética diferente, que se poderia chamar tragédia lírica em vez de ópera. A principal diferença em relação às óperas clássicas é que as óperas de Lully eram entendidas como peças dramáticas completas e tinham uma encenação complexa. Nelas, a música e o libreto eram enriquecidos com bailados, coro e ajudantes de palco que, a meio de cada ato, executavam um divertimento mais ou

menos relacionado com a ação. Em suma, eram obras solenes e majestosas que se centravam mais na clareza do texto do que na exibição dos cantores.

O novo entendimento de Lully sobre a ópera começou com a estreia do seu *Cadmo et Hermione* em 1673, que se tornou uma obra de referência para os grandes compositores até ao início do século XVII. Mas nenhum dos seus compatriotas conseguiu ofuscá-lo, uma vez que Lully obteve de Luís XIV o monopólio da produção de óperas ou tragédias líricas e, após a morte de Molière, a posse do seu antigo teatro, o Palais Royal, livre de encargos. Irá terminar os seus dias como secretário do rei.



Marc-Antoine Charpentier

Por sua vez, igual em importância a Lully e também dedicado a outro género vocal, mas neste caso de natureza sacra, a oratória, é Marc-Antoine Charpentier (1643-1704).

CHARPENTIER E O ORATÓRIO FRANCÊS

A grande qualidade da sua música e a sua versatilidade no cultivo de diferentes estilos foram em parte ensombradas pela fama e influência do seu contemporâneo Lully, que o impediu de estreitar as suas óperas e de prosperar na corte, fazendo-o perder o cargo de mestre de capela do Delfim. Para compreender esta hostilidade manifesta, é preciso ter em conta que, quando Lully e Molière romperam a sua colaboração na companhia de comédia-ballet, o dramaturgo contratou Charpentier como compositor... e Lully não lhe perdoou. Mas o que Lully nunca lhe pôde tirar foi o reconhecimento dado a Charpentier como o criador do oratório francês, seguindo o estilo de Giacomo Carissimi.

Parece que Charpentier estudou com ele em Roma e aí se familiarizou com os novos géneros barrocos que mais tarde levaria para França. Embora existam diferenças notáveis entre os oratórios do italiano e os 30 oratórios compostos por Charpentier, como a maior importância que deu à parte instrumental e certas características do texto que tornam as suas obras semelhantes à ópera, embora sem árias ou passagens de virtuosismo vocal e com uma marcada predominância da intervenção do coro. Charpentier realizou uma síntese das tradições italiana e francesa na sua obra, sobretudo no domínio da música vocal sacra, a que pertence o seu famoso *Te Deum*. Destacou-se também na ópera, faceta em que deixou títulos como *Les arts forissants* (1673), *Actéon* (1690) e *Medée* (1693).